

Conotação Emocional de Palavras Portuguesas

ÂNGELA DA COSTA MAIA (*)

1. INTRODUÇÃO

Normalmente as pessoas não têm dificuldade em nomear emoções, quer para partilhar o que sentem quer para identificar as expressões emocionais alheias. O vocabulário permite-nos utilizar um léxico relativamente rico para construir a nossa comunicação e este conhecimento está sempre subjacente às interações sociais em que temos de continuamente interpretar, predizer ou expressar e controlar reacções emocionais.

Apesar deste conhecimento individual, ao realizar uma investigação sobre o efeito da activação emocional na atenção selectiva a autora foi confrontada com a inexistência, ao contrário do que acontece em outras línguas, de listagens de palavras portuguesas relacionadas com as diferentes emoções. Nessa altura foi elaborada uma lista de palavras portuguesas relacionadas com a tristeza, a emoção em estudo, que foi submetida à apreciação de um conjunto de 100 estudantes universitários para que as avaliassem segundo o grau de conotação emocional com a tristeza (cf. Maia, 1990).

O estudo aqui apresentado é o fruto de uma expansão desse primeiro trabalho, tendo sido ampliado de modo a englobar outras emoções: neste caso foram desenvolvidas e avaliadas quatro listas de 60 palavras conotadas com a tristeza (numa lista reformulada do primeiro estudo), a alegria, o medo e a ira.

2. EMOÇÕES E EMOÇÕES BÁSICAS: DEFINIÇÕES IMPOSSÍVEIS

Quando se estudam as emoções há um conjunto de questões fundamentais acerca dos quais tem havido grande dificuldade de acordo entre os diferentes investigadores. Desde logo, por exemplo, não há acordo quanto à definição formal deste construto, e como Fehr e Russel (1984) observaram: «toda a gente sabe o que é uma emoção até ao momento em que lhe é pedida a definição.» (p. 464).

Kant referiu-se às emoções como doenças da alma. Uma alma sadia funciona sobre a autoridade absoluta e incontestada da razão. Esta perspectiva racionalista está também presente nas teorias cognitivistas das emoções, que surgiram especialmente nos anos 70. Lazarus et al (1970), por exemplo, consideram a importância que as emoções têm no estudo do ser humano comparável à importância das doenças e alterações somáticas na compreensão da fisiologia normal.

Foi talvez deste enquadramento que nasceu o afastamento a que durante anos foi devotado o estudo das emoções nas correntes predominantes da psicologia: os componentes fisiológicos e a existência de processos inconscientes subjacentes às respostas emocionais (Leventhal, 1979; Mandler, 1982; Zajonc, 1980) tornaram-se temas pouco apropriados para uma psicologia que se queria independente, positiva e «científica».

Duas teorias «clássicas» de psicologia – psicanálise e comportamentalismo – referem-se de modo bastante diferente às emoções. Na psicanálise desenvolvida por Freud não há uma teoria

(*) Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Campus de Gualtar, 4709 Braga.

compreensiva das emoções, variando conforme a fase de desenvolvimento da teoria ou da emoção particular em estudo. Mas Freud sempre viu a emoção em termos do conceito hidráulico de energia e operando sobre pressão de impulsos instintuais e não sociais. Pelo contrário para os comportamentalistas as emoções não são mais do que respostas aprendidas por condicionamento (Watson, & Rainer, 1920).

As definições mais recentes de emoção fazem referência a diferentes componentes da vivência emocional, integrando aspectos que classicamente foram definidos por outros conceitos (sentimento, paixão, motivação para a acção). Elas incluem: 1) experiência emocional; 2) comportamento emocional; 3) alterações fisiológicas do corpo (Kretch, & Crutchfield, 1958); mudanças na actividade muscular esquelética, comportamento facial, respostas vocais e um certo número de parâmetros biológicos incluindo a actividade autonómica, endócrina e do sistema nervoso central (Davidson, 1984); avaliação cognitiva, activação fisiológica, expressão motora, aspecto motivacional e experiência subjectiva (Scherer, 1984a); comportamentos mensuráveis de linguagem, actos abertos organizados e um sistema de suporte fisiológico – somático e visceral – em que a emoção é um conjunto de acção definida por uma estrutura de informação específica na memória que é processada tanto como um programa conceptual como motor (Lang, 1984). Bower (1981) propõe também a representação das emoções a par das cognições numa estrutura de rede associativa na memória. Uma outra perspectiva cognitiva é a de Averill (1975), para quem «as emoções podem ser concebidas como um sistema de crenças ou esquemas que guiam a avaliação das situações, a organização das respostas e a auto-monitorização (interpretação) do comportamento. Estes esquemas são a representação interna de normas e regras sociais» (p. 100).

Diferentes modelos dão saliência a aspectos diferentes de vivência emocional o que fez com que Zajonc (Zajonc et al, 1982), diferenciasse entre teorias cognitivas e teorias somáticas da emoção. Enquanto as primeiras, representadas por Arnold (1960, 1970), Lazarus (Lazarus et al, 1970), Mandler (1982, 1984) – salientam os processos de avaliação cognitiva antecedentes e consideram a experiência subjectiva como a

componente cognitiva de emoção, as teorias somáticas estão menos preocupadas com a componente de experiência de emoção – modelos psicomotores de Izard (1984) e Plutchik (1980) – dão saliência ao feedback eferente dos músculos voluntários (especialmente da face) na produção de emoção.

Provavelmente todas as perspectivas abordam aspectos em que as emoções se revelam e se definem, e a solução está mais na integração das definições do que na escolha de uma alternativa, com exclusão das outras.

É esta integração que nos é oferecida no trabalho recente de A. Damásio (1995). Este autor põe em causa a teoria neurológica dualista que acreditava em sistemas neurológicos separados para a emoção e a cognição; e propõe em contrapartida que no funcionamento normal não há razão pura, sendo os processos emocionais e sentimentais integrados nos processos neo-corticais normalmente associados à ideia de racionalidade.

Note-se que estes processos surgem directamente ligados aos *estados do corpo*, isto é, informação somática acerca e a partir do corpo, o que põe em causa qualquer tipo de oposição dualista entre emoções e cognições.

Um dos debates clássicos no domínio do estudo das emoções tem-se constituído acerca da existência ou não de emoções básicas. Este assunto mantém-se de tal modo actual que um número especial da revista *Cognition and Emotion* de 1992 é inteiramente dedicado a este tema que, por estar directamente relacionado com as concepções sobre o modo como é organizado o nosso conhecimento, é de grande importância para os cognitivistas.

Tradicionalmente o conceito de emoção básica refere-se a predisposição inata, de carácter sensório-motor, para reagir de modo específico a situações com diferentes significados. Nesta tradição um dos critérios seguido na definição de emoções básicas prende-se com a existência de expressões faciais específicas e de palavras nas diferentes culturas para designar essa emoção. Assim, se uma palavra para designar uma emoção existe numa sociedade mas não em outras, tratar-se-ia de elaborações ou combinações a partir das emoções básicas. Alguns autores têm no entanto afirmado que não será possível definir emoções básicas, tanto mais que a lingua-

gem normal é demasiado heterogénea para o estudo científico. Mandler (1984), por exemplo, e na tradição de James (1890), aponta a divergência que existe entre os diferentes autores acerca de quantas e quais as emoções básicas como prova de que esta questão não faz sentido. Mais recentemente os linguistas e construtivistas sociais argumentam que os autores de língua inglesa não podem «traduzir», como têm feito, as palavras nas diferentes culturas porque elas perdem o sentido contextual, e as culturas influenciam diferencialmente a construção das categorias emocionais (Gergen, 1992). Para Lutz (1988) e Wietzbicka (1992), há universais humanos mas não são categorias que possam ser traduzidas em palavras emocionais específicas em qualquer linguagem humana.

Stein e Oatley (1992), sugerem quatro questões a ter em conta quando se discute se existem ou não emoções básicas: A primeira refere-se à separabilidade ou independência dos diferentes elementos que compõem o processo de avaliação e conduzem a respostas emocionais. Se cada emoção básica é elicitada como uma totalidade psicológica, que não pode ser decomposta, então há emoções básicas (Johnson-Laird, & Oatley, 1992); mas se os componentes do processo de avaliação são independentes uns dos outros, então não se trata de categorias emocionais primitivas (Ortony, & Turner, 1990).

A segunda questão tem a ver com o facto de diferentes teorias enumerarem diferentes emoções básicas. Como se pode compreender, face a este facto, a universalidade das emoções básicas? Por exemplo, surpresa é incluído por alguns autores porque tem uma expressão facial correspondente, mas não por outros porque pode ser positiva ou negativa, isto é, não tem informação específica.

A terceira questão que também diz respeito à noção do que é básico é acerca de quais as categorias emocionais que podem ser consideradas básicas e quais as que são variantes delas. Esta questão é importante porque há palavras que se relacionam emocionalmente e em vez de serem equivalentes, algumas poderão ser variantes umas das outras.

Por último os autores questionam se cada emoção precisa de um acontecimento precipitador único, um estado específico do sistema nervoso autónomo, uma expressão e uma resposta

comportamental. Algumas teorias têm proposto isso, mas Camras (1992) e Stein e Trabasso (1992) apresentam vários estudos que indicam que esta correspondência frequentemente não ocorre.

Shaver, Schwartz, Kirson, e O'Connor (1987), partindo da teoria de protótipo proposta por Rosch (1978) para conceber a representação do conhecimento entendem esta dificuldade de encontrar acordo na definição do conceito emoção e de emoção básica como uma possível manifestação da impossibilidade de encontrar uma forma clássica de definição.

No modelo de Rosch (1973, 1978) os sistemas de categorias ou taxonomias podem ser vistos como tendo uma dimensão vertical e uma dimensão horizontal. A organização vertical diz respeito a relações hierárquicas entre categorias em taxonomias do tipo árvore, normalmente com três tipos de inclusividade: super-ordenados (ex: mobília); básica (cadeira) e sobre-ordenado (cadeira de praia). O nível básico parece ser especial: as palavras são melhor aprendidas, de mais rápido acesso, são normalmente palavras curtas, e são bastante abstratas em termos imagéticos. É um compromisso ideal entre informação e economia cognitiva e por isso o mais utilizado em termos de conversação.

A dimensão horizontal diz respeito à segmentação de categorias no mesmo nível de inclusão, categorias estas separadas por fronteiras muito vagas (ex: cadeira/sofá/cama, quando nos referimos a «long chairs»). Estas categorias não são definidas por um conjunto conclusivo de características necessárias ou suficientes, mas por um protótipo, uma imagem abstrata, ou conjunto de características que representam o exemplo mais representativo e típico daquela categoria. As decisões de categorização são feitas por comparação do exemplar com o protótipo.

Se utilizarmos este modelo para definir a categoria emoção, ela é em si própria definida por membros e características prototípicas. O termo emoção básica adquire imediatamente significados que ultrapassam os limites biológicos que normalmente estão associados ao conceito de emoção básica. Esta perspectiva parece-nos a que mais facilmente poderá ultrapassar as diferentes limitações que quer os construtivistas sociais quer os autores mais preocupados com as

questões somáticas têm vindo sistematicamente a elaborar acerca do que é uma emoção básica.

Directamente relacionada com a definição das emoções básicas está a dificuldade de encontrar acordo quanto ao seu número. Uma lista de emoções que se encontra nos principais trabalhos inclui um número que pode ir até aos 550, numa lista de adjectivos em língua inglesa de Averill (1975), ou 235, numa lista de etiquetas afectivas de Scherer (1984 b). Segundo este último autor, o exame desta lista revela claramente o problema da delimitação das emoções.

Em resposta a este problema alguns autores procuraram definir emoções básicas, que variam, segundo os autores, entre 7 e 15. As outras denominações emocionais corresponderão à mistura entre estas emoções primárias. Embora como vimos esta posição tenha sofrido algumas críticas, nomeadamente a que se prende com o facto de não haver ainda demonstração empírica da existência de um número tão reduzido de emoções biologicamente determinadas (Scherer, 1984 a), esta posição tem guiado as investigações de vários autores.

Oatley e Johnson-Laird (1987) consideram que há poucos emoções básicas, cada uma com o seu tom fenomenológico característico, embora sem significado como tal, já que é baseado em sinais não proposicionais. Apesar de normalmente não ultrapassar as 15, o número de emoções definidas é variável em diferentes autores. Para Oatley e Johnson-Laird (1987) há 5 emoções básicas (alegria, tristeza, medo, ira, aversão). Izard (1984) refere-se a 10 emoções fundamentais – interesse, alegria, surpresa, tristeza, aborrecimento, aversão, desprezo, medo, vergonha e culpa – cada uma com aspectos neurais e experienciais particulares, possuindo uma característica de expressão facial que fornece informação imediata e específica para o que está a ser sentido. Partindo da perspectiva evolutiva Plutchick (1980), considera 8 emoções essenciais: medo, aborrecimento, alegria, tristeza, aceitação, aversão, expectativa e surpresa.

Só recentemente se tem procurado chegar a acordo quanto aos critérios empíricos para definir emoções universais e, por isso, o número de emoções básicas poderá ser reajustado. Mas vários autores (Ekman, 1973, Izard, 1971), têm usado como critério a expressão facial universal

distinta, isto é, a expressão facial com ela associada deve ser reconhecida transculturalmente. Isto levou Ortony (1987) a considerá-la o critério mais explícito que tem sido proposto.

Com base nestes dados Ekman (Ekman 1973; Ekman, Friesen, & Ellsworth, 1982), Izard (1971) e Tomkins (1984) incluem a surpresa e interesse nas suas listas de emoções básicas. Izard (1984) também inclui culpa (que segundo Ortony não tem características para ser), enquanto Plutchick (1980), inclui aceitação e surpresa. Panksepp (1982) propõe que há um circuito neural específico para a curiosidade e que ele pode ser mediador de surpresa e interesse. Oatley e Johnson-Laird (1987) não consideram surpresa e interesse emoções simples, mas aspectos de várias emoções.

De facto há dados que indicam que as «emoções básicas» de algumas teorias podem não ser emoções. Há muitos problemas com a noção de emoção básica. Muitos estados que são propostos não parecem ser bons exemplos de emoção. Além disso há muito pouco acordo quanto às diferentes listas para que a noção seja coerente, e o critério para a sua selecção, mesmo quando especificado, às vezes não parece ser muito viável.

Quatro emoções são comuns a estas listas: alegria, tristeza, ira e medo. Este estudo apresenta o resultado da avaliação de listas de sessenta palavras portuguesas relacionadas com estas emoções.

3. MÉTODO

3.1. *Sujeitos*

Cem sujeitos, estudantes universitários, de ambos os sexos e com idades maioritariamente compreendidas entre os 20 e os 23 anos

3.2. *Material*

Foi entregue a cada sujeito um conjunto de oito folhas, a primeira, terceira, quinta e sétima com instruções e a segunda, quarta, sexta e oitava com listas de 60 palavras apresentadas por ordem alfabética. À frente de cada palavra o sujeito deveria indicar qual o grau em que con-

siderava que essa palavra estava conotada com cada emoção, numa escala de um a sete, em que um correspondia a «Nada», e sete a «Muito».

3.3. Procedimento

A tarefa foi realizada em pequenos grupos. Após explicar aos sujeitos que se pretendia elaborar listas de palavras conotadas com a alegria, a tristeza, a ira e o medo, o caderno com as instruções e as palavras foi distribuído. Apesar de não haver tempo limite, foi pedido aos sujeitos para avaliarem cada palavra tão depressa quanto possível.

4. RESULTADOS

Com base no cálculo da avaliação média de cada palavra, obteve-se uma lista ordenada das palavras em função da sua conotação emocional apresentadas a seguir (Quadros 1, 2, 3, 4).

BIBLIOGRAFIA

- Arnold, M. (1960). *Emotion and personality* (Vol. 1 e 2). New York: Columbia University Press.
- Arnold, M. (1970). *Feelings and emotions*. New York: Academic.
- Averill, J. R. (1975). A semantic atlas of emotion concepts. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 5, 330, (Ms. No. 421).
- Bower, G. H. (1981). Mood and memory. *American Psychologist*, 31, 129-148.
- Camras, L. A. (1992). Expressive development and basic emotions. *Cognition and Emotion*, 6, 269-284.
- Damásio, A. R. (1995). *O Erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. Mem Martins: Europa-América
- Davidson, R. J. (1984). Affect cognition and hemispheric lateralization. In C. E. Izard, J. Kagan e R. B. Zajonc (Eds.), *Emotions, cognition and behavior* (pp. 320-365). Cambridge, Cambridge University Press.
- Ekman, P. (1973). Cross cultural studies of facial expression. In P. Ekman (Ed), *Darwin and the facial expression: A century of research in review* (pp. 13-32). New York: Academic Press.
- Ekman, P., Friesen, W. V., & Ellsworth, P. (1982). Research foundations. In P. Ekman (Eds.), *Emotion in the human face* (pp. 1-143). New York: Cambridge University Press.
- Fehr, B., & Russell, J. A. (1984). Concept of emotion viewed from a prototype perspective. *Journal of Experimental Psychology: General*, 113, 464-486.
- Gergen, K. J. (1991). *The saturated self. Dilemmas of identity in contemporary life*. Basic Books.
- Izard, C. E. (1971). *The face of emotion*. New York: Appleton.
- Izard, C. E. (1984). Emotion-cognition relationship and human development. In C. E. Izard, J. Kagan e B. Zajonc (Eds.), *Emotions, cognition and behavior* (pp. 17-37). Cambridge: Cambridge University Press.
- James, W. (1950). *The principles of psychology*. (Vol 2). New York: Dover. (Trabalho original publicado em 1890)
- Johnson-Laird, P. N., & Oatley, K. (1992). Basic emotions, rationality and folk theory. *Cognition and Emotion*, 6, 201-224.
- Kretch, D., & Crutchfield, R. (1980). *Elementos de psicologia*. S. Paulo: Pioneira (Trabalho original publicado em 1958).
- Lang, P. J. (1984). Cognition in emotion: Concept and action. In C. E. Izard, J. Kagan, & R. B. Zajonc (Eds.), *Emotions, cognitions and behavior* (pp. 192-222). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lazarus, R. S., Averill, J. R., & Opton, E. M. (1970). Toward a cognitive theory of emotion. In M. B. Arnold (Ed.), *Feelings and emotion* (pp. 207-232). New York: Academic Press.
- Leventhal, H. (1979). A perceptual motor processing model of emotion. In P. Pliner, K. R. Blankstein, & I. M. Spigel (Eds.), *Perception of emotions in self and others* (Vol. 5) (pp. 1-46). New York: Plenum.
- Lutz, C. (1982). The domain of emotion words in Ifaluk. *American Ethnologist*, 9, 113-128.
- Maia, A. C. (1990). *Teorias e modelos de emoção. estudos experimentais sobre a relação entre a tristeza e o reconhecimento verbal numa tarefa de atenção selectiva*. F.P.C.E.-U.P.
- Mandler, G. (1982). The structure of value: Accounting for taste. In M. S. Clark e S. T. Fisk (Eds.), *Affect and cognition*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Mandler, G. (1984). *Mind and body: Psychology of emotion and stress*. New York: Norton.
- Oatley, K., & Johnson-Laird, P. N. (1987). Towards a cognitive theory of emotion. *Cognition and Emotion*, 1, 29-50.
- Ortony, A. (1987). Is guilt an emotion? *Cognition and Emotion*, 1, 283-299.
- Ortony, A., & Turner, T. J. (1990). What's basic about basic emotion? *Psychological Review*, 97, 315-331
- Panksepp, J. (1982). Towards a general psychobiological theory of emotions. *Behavioral and Brain Sciences*, 5, 407-468.
- Plutchik, R. (1980). *Emotion. A psychoevolutionary synthesis*. New York: Harper & Row.

QUADRO 1

Avaliação média do grau de alegria para 60 palavras, numa escala de 1 a 7

beatitude	2,95	esperança	4,95
devoção	3,17	radioso	5,01
vistosidade	3,51	radiante	5,03
brejeiro	3,52	diversão	5,05
jocosidade	3,53	comemoração	5,08
calmia	4,01	prosperidade	5,14
pacífico	4,03	simpatia	5,14
clareza	4,13	exultante	5,21
amabilidade	4,16	prémio	5,21
interesse	4,21	brincadeira	5,28
áureo	4,26	ânimo	5,31
brilho	4,33	festividade	5,34
ardente	4,35	gozo	5,34
atração	4,36	folia	5,36
luz	4,38	sorriso	5,43
bonança	4,40	satisfação	5,46
agradabilidade	4,53	plenitude	5,47
fortuna	4,60	festa	5,48
despreocupação	4,62	contentamento	5,49
juventude	4,64	glória	5,49
jovialidade	4,65	ditoso	5,52
encanto	4,73	humor	5,52
ventura	4,73	sucesso	5,66
sorte	4,75	amizade	5,68
alívio	4,79	saúde	5,75
regozijo	4,79	excitação	6,16
bondade	4,87	vitória	6,36
ganho	4,87	amor	6,44
graça	4,90	alegria	6,65
bem	4,92	felicidade	6,74

QUADRO 2

Avaliação média do grau de tristeza para 60 palavras, numa escala de 1 a 7

solenidade	2,78	desastre	5,10
preocupação	3,39	agonia	5,14
feiura	3,53	falhanço	5,18
chateação	3,64	choro	5,21
dificuldade	3,65	lágrima	5,22
consternação	3,71	martírio	5,22
fraqueza	3,73	remorso	5,27
aborrecimento	3,78	calamidade	5,30
punição	3,83	saudade	5,30
compaixão	3,90	rejeição	5,33
gravidade	3,92	fatalidade	5,40
choque	4,14	angústia	5,46
negrume	4,20	desolação	5,47
pena	4,31	miséria	5,52
maldade	4,33	cansaço	5,56
aflição	4,39	desespero	5,65
melancolia	4,44	mágoa	5,66
pesaroso	4,47	separação	5,70
impotência	4,62	abandono	5,73
sinistro	4,66	amargura	5,75
lamúrio	4,69	luto	5,77
pranto	4,73	sofrimento	5,88
opressão	4,83	perda	5,91
dor	4,84	tragédia	5,91
culpa	4,86	suicídio	6,00
ruína	4,90	desgraça	6,01
incapacidade	4,92	morte	6,17
drama	4,96	desgosto	6,23
lamento	5,09	infelicidade	6,27
acidente	5,10	tristeza	6,32

QUADRO 3
Avaliação média do grau de ira para 60 palavras, numa escala de 1 a 7

entusiasmo	1,91	despeito	4,47
inimizade	2,25	provocação	4,47
justiça	2,29	asco	4,52
valentia	2,48	desprezo	4,57
excitação	2,77	assalto	4,60
bravura	2,90	baixeza	4,65
paixão	2,95	repulsa	4,68
engano	3,21	aversão	4,71
aborrecimento	3,23	descontrolo	4,82
ânsia	3,23	ferocidade	4,86
agitação	3,26	luta	4,86
força	3,33	inflingir	4,92
frenesi	3,33	zanga	5,01
atrevimento	3,34	irritação	5,14
crítica	3,51	revolta	5,18
fervor	3,62	agressão	5,23
avareza	3,66	mal	5,30
arrebatamento	3,70	hostilidade	5,47
teimosia	3,74	ataque	5,53
impaciência	3,78	violência	5,66
impetuosidade	3,88	guerra	5,70
punho	3,91	crueldade	5,74
amargura	3,95	rancor	5,77
arrufo	3,97	fúria	5,84
loucura	4,01	vingança	5,86
indignação	4,07	cólera	6,01
morte	4,35	ira	6,12
rebelde	4,39	assassinio	6,17
azedume	4,42	ódio	6,20
furor	4,42	raiva	6,50

QUADRO 4

Avaliação média do grau de medo para 60 palavras, numa escala de 1 a 7

desejo	2,09	dor	4,04
aspiração	2,27	desconfiança	4,07
pressa	2,38	inibição	4,16
enredo	2,53	perturbação	4,16
adversidade	2,57	angústia	4,30
confusão	2,62	prisão	4,34
intensidade	2,62	risco	4,42
consternação	2,75	nervos	4,44
impaciência	2,82	sofrimento	4,44
alvoroço	2,83	agonia	4,47
dificuldade	3,09	sobressato	4,53
raiva	3,21	choque	4,56
náusea	3,25	suplício	4,60
mágoa	3,35	tormento	4,66
amargura	3,36	tensão	4,69
ânsia	3,39	aflição	4,83
urgência	3,47	cobardia	4,86
anseio	3,61	opressão	4,95
dúvida	3,64	receio	5,05
desassossego	3,66	ameaça	5,17
cautela	3,71	fobia	5,17
cuidado	3,73	susto	5,39
apreensão	3,74	tortura	5,58
sofreguidão	3,75	perigo	5,62
luta	3,83	temor	5,68
tremura	3,94	horror	5,94
afogo	3,96	pavor	6,30
preocupação	3,96	pânico	6,48
aperto	3,97	medo	6,49
timidez	3,99	terror	6,49

- Rosch, E. (1973). On the internal structure of perceptual and semantic categories. In T. E. Moore (Ed.), *Cognitive development and the acquisition of language* (pp. 11-144). New York: Academic Press.
- Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch, & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization* (pp. 27-48). Hillsdale, New York: Erlbaum.
- Scherer, K. R. (1984 a). Emotion as a multi-component process: A model and some cross-cultural data. In P. Shaver (Ed.), *Review of personality and social psychology, 5: Emotions, relationships, and health* (pp. 37-63). Beverly Hills: Sage.
- Scherer, K. R. (1984 b). Les émotions: Fonctions et composants. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 4, 9-40.
- Shaver, P., Schwartz, J., Kirson, D., & O'Connor, C. (1987). Emotion knowledge: Further exploration of a prototype approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 6, 1061-1086.
- Stein, N. L., & Oatley, K. (1992). Basic emotions: Theory and measurement. *Cognition and Emotion*, 6, 161-168.
- Stein, N. L., & Trabasso, T. (1992). The organization of emotional experience: Creating links among emotion, thinking, language, and intentional action. *Cognition and Emotion*, 6, 225-244.
- Tomkins, S. S. (1984). Affect theory. In K. R. Scherer, & P. Ekman (Eds.), *Approaches to emotion* (pp. 163-195). Hillsdale, New York: Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Watson, S. B., & Rainier, R. (1920). Conditioned emotional reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 3, 22.
- Wietzbicka, A. (1992). Talking about emotions: Semantics, culture and cognition. *Cognition and Emotion*, 6, 285-319.
- Zajonc, R. B. (1980). Feeling and thinking: Preferences need no inferences. *American Psychologist*, 35, 151-175.
- Zajonc, R. B., Pietromonaco, P., & Bargh, J. (1982). Independence and interaction of affect and cognition. In M. S. Clark, & T. S. Fiske (Ed.), *Affect and cognition* (pp. 211-227). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

RESUMO

Apesar do crescente interesse pelo estudo do funcionamento emocional, o acordo quanto à definição e delimitação do conceito emoção é talvez um dos problemas mais insolúveis neste campo de investigação.

Uma das questões que está directamente relacionada com a definição das emoções refere-se à existência ou não de emoções básicas e, dentro destas, a determinação do seu número. Vários autores têm sugerido

tentativas de delimitar as emoções básicas que podem variar, segundo diferentes perspectivas, entre cinco e quinze. Quatro emoções são comuns a estas listas: alegria, tristeza, ira e medo. O presente estudo pretende apresentar o resultado da avaliação que uma amostra de cem sujeitos universitários fez a partir de listas de sessenta palavras portuguesas relacionadas com estas emoções. Foi assim possível a elaboração de quatro listas de palavras ordenadas segundo a sua conotação emocional, que são apresentadas.

Palavras chave: emoções, psicologia cognitiva, palavras emocionais, alegria, tristeza, ira, medo.

ABSTRACT

Despite the growing interest in the study of the aspects of emotional functioning, agreement as to the definition and delimitation of the concept is perhaps one of the major difficulties in this field. The number of emotion is one of the issues directly related to the definition of emotions. There have been various attempts at delimitating the basic emotions, which can range from 5 to 15 according to different authors. Four emotions are, however, common to all lists: joy, sadness, anger and fear. It is the aim of this paper to present the result of an evaluation conducted by a sample of 100 subjects, based on a list of 60 portuguese words related to these emotions.

Key-Words: emotions, cognitive psychology, emotional words, happiness, sadness, anger, fear.

RESUME

Malgré l'intérêt grandissant de l'étude du fonctionnement émotif, l'accord sur la définition et la délimitation du concept émotion reste un des problèmes insolubles de ce domaine d'investigation.

L'existence ou non d'émotions basique et, en particulier, le nombre de celles-ci, reste une des questions liées en direct avec la définition des émotions. Divers auteurs ont suggéré des tentatives de délimitation des émotions basique, lesquels varia selon les perspectives entre 5 et 15. Quatre émotions sont communes a ces listes: joyesse, tristesse, hate et peur. Le present étude se propose présenter le résultat de l'évaluation faite par une échantillon de 100 sujets universitaires à partir d'une liste de soixante mots portugais qui se rapporte aux émotions. De cette façons il nous a été possible l'éboration de quatre listes de mots ordennées celon sa significations émotive, lesquels nous présentons.

Mots Clés: émotion, psychologie cognitif, mots émotifs, joyesse, tristesse, hate et peur.